



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NA CONCEPÇÃO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NO ENSINO REGULAR

Roxana Silva – UCAM
Mayra Shamara Silva Batista- UFCG
Alberaní Araújo de Medeiros – UEPB

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. e-mail: alberaniaraujo@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. e-mail: mayra.silva.ps@gmail.com
Universidade Candido Mendes – UCAM. e-mail: roxana_silva30@hotmail.com

RESUMO

A deficiência intelectual surge para a escola como um desafio no seu objetivo de ensinar e levar o aluno a aprender. O aluno com essa deficiência tem suas particularidades próprias de lidar com o saber, que em sua maioria não correspondem ao que a escola espera do seu alunado. Diante desta premissa este estudo objetiva compreender qual a concepção dos profissionais da educação básica com relação aos alunos que não conseguem aprender e de que maneira a escola esta se preparando a conceber a aprendizagem destes alunos. Para tanto a pesquisa parte de observações in loco em uma escola de educação básica de ensino regular no interior do Rio Grande do Norte, aonde foram aplicados questionários semi estruturados com professores e equipe pedagógica. Diante das observações pode-se perceber que os profissionais da educação participantes da pesquisa não compreendem que a Dificuldade na Aprendizagem poderá estar associada à Deficiência Intelectual. Os resultados acerca do questionário revelam que as expectativas da equipe pedagógica, juntamente com os professores de sala de aula não indicam positividade em relação ao aprendizado dos alunos com características de Deficiência Intelectual. Acreditam estes que o não aprender é um processo natural, que depende de vários fatores, sendo estes relacionados ao: interesse do aluno, meio em que estão inseridos e falta de acompanhamento familiar.

Palavras – Chave: Deficiência Intelectual, Professores, Educação Básica.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

É possível compreender o quanto o ensino está presente na formação e desenvolvimento do homem, tendo ele uma deficiência ou não. Seu papel fundamental está diretamente relacionado com a natureza e qualidade das mediações empreendidas, com a capacidade de fazer uso de instrumentos de maneira a assegurar a formação e o desenvolvimento de suas potencialidades e possibilidades enquanto criador em todas as manifestações de vida humana Leontiev (1978). Então, a possibilidade de participação efetiva na sociedade está relacionada com as oportunidades conferidas aos homens e, conseqüentemente, com a sociedade econômico-cultural em que eles vivem.

Com isso, objetivamos compreender qual a concepção dos profissionais da educação básica com relação aos alunos que não conseguem aprender e de que maneira a escola esta se preparando a conceber a aprendizagem destes alunos.

Justificativa

Quando o assunto esta relacionado às dificuldades de aprendizagem dos alunos, a prática nos aponta para dois fatos inegáveis: esse problema deve-se a diferentes fatores isolados ou associados entre si, e somente a avaliação e a intervenção, podem levar ao sucesso na aprendizagem escolar. O papel da escola nesse e em muitos outros sentidos na vida dos estudantes, ultrapassam o âmbito pessoal e se reflete no crescimento da sociedade como um todo. Escola, família e sociedade são responsáveis não só pela transmissão de conhecimentos, valores, cultura é responsável também pela formação da personalidade social dos indivíduos.

As dificuldades e os transtornos de aprendizagem sempre têm impactos sobre a vida do aluno e de sua família e de todos que estão em seu entorno, e isso se da pelos prejuízos que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

acarretam em todas as áreas do desenvolvimento pessoal, assim como de sua aceitação e participação social.

A Aprendizagem é um processo que se realiza no interior do indivíduo e se manifesta por uma mudança de comportamento relativamente permanente. Coll e colaboradores (1995) discutem o conceito de deficiência, enfatizam que esse conceito está ligado, em sua maioria a fatores sociais, culturais e educacionais.

García Sánchez define a expressão “dificuldades de aprendizagem” a partir de um conceito como sendo:

(...), as dificuldades de aprendizagem se caracterizam por um funcionamento substancialmente abaixo do esperado, considerando a idade cronológica do sujeito e seu quociente intelectual, além de interferirem significativamente no rendimento acadêmico ou na vida cotidiana, exigindo um diagnóstico alternativo nos casos de déficits sensoriais. Assumem-se, portanto, um critério de discrepância entre aptidão e o rendimento e um critério de exclusão, além do baixo rendimento e da interferência na vida cotidiana.

A conceitualização do Comitê Conjunto sobre Dificuldades de aprendizagem está na mesma linha, ao sugerir que as dificuldades de aprendizagem são algo heterogêneo, supõe problemas significativos na conquista das habilidades da leitura, de escrita e/ou matemática, que se acredita ser intrínsecas ao indivíduo, é possível encontrar superposição com outros problemas que não se devem a influências extrínsecas (1998, p15-16).

Ainda nesta perspectiva Ciasca (2000), diz que a **Dificuldade de Aprendizagem** como sendo compreendida como uma forma peculiar e complexa de comportamentos que não se deve necessariamente a fatores orgânicos e que são por isso, mais facilmente removíveis. A razão se da diante da presença de situações negativas na interação social. Caracterizam-se pelas dificuldades em aprender, maiores do que as dificuldades que são consideradas naturais para a maioria dos alunos de uma determinada turma e é em boa parte das vezes, resistente ao esforço pessoal e ao de seus professores, gerando um abaixo rendimento escolar. Essas dificuldades também têm seus reflexos na auto-estima negativa no educando.

Para Paín a aprendizagem é concebida da seguinte forma:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(...) um processo dinâmico que determina uma mudança, com a particularidade de que o processo supõe um processamento da realidade e de que a mudança no sujeito é um aumento qualitativo em sua possibilidade de atuar sobre ela. Sob o ponto de vista dinâmico a aprendizagem é o efeito do comportamento, o que se conserva como disposição mais econômica e equilibrada para responder a uma situação definida. De acordo com isto, a aprendizagem será tanto mais rápida quanto maior for a necessidade do sujeito, pois a urgência da compensação dará mais relevância ao recurso encontrado para superá-la (1985, p.23).

A dificuldade de aprendizagem não é associada a uma única causa, mas uma conjunção de muitos fatores que agem positivamente quando há uma predisposição momentânea do aluno. Alguns sintomas das dificuldades de aprendizagem podem ajudar os profissionais da escola a terem uma melhor percepção sobre o baixo desempenho escolar dos seus alunos, pois alguns problemas com relação a Linguagem, a Memória e com a Motricidade, podem sim ser sintomas da dificuldade na aprendizagem. Outro sintoma que deve ser considerado é a pobreza linguística o qual produz no rendimento escolar muita dificuldade, mas que não são decorrentes de transtornos de aprendizagem, no entanto o fraco desempenho na aprendizagem nunca deve ser desconsiderado ou banalizado, pois representa o ponto de partida para o diagnóstico da dificuldade e do transtorno do aprender. É mais perceptível que muitos alunos na fase do ensino fundamental especificamente no processo de alfabetização apresentem os sinais de dificuldade na aprendizagem quer esses sejam ou não associados à deficiência intelectual.

A dificuldade de aprendizagem associada a deficiência intelectual

Atualmente professores sentem dificuldades em repassar aos alunos o conteúdo, o planejamento das aulas deve ser de fundamental importância para proporcionar meios que o aluno possa aprender sem ser prejudicado; mesmo assim ainda depende de cada indivíduo, verificar quais as dificuldades que encontra. Brasil (2006, p.10) destaca: “na procura de uma compreensão mais global das deficiências em geral, em 1980, Organização Mundial da Saúde,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

propôs três níveis para esclarecer todas as deficiências, a saber: deficiência, incapacidade e desvantagem social”.

Rocha diferencia-se bem enquanto:

“A escola se coloca como espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de educação infantil se põem, sobretudo com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o aluno e como o objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas através da aula; a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas no espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade ou até o momento que entra na escola. (1999, p. 62)

O maior desafio da inclusão da aprendizagem ao deficiente intelectual na escola é o atendimento especializado, o qual constitui um impasse pela complexidade e variedades de abordagens de ensino. Provoca inúmeras transformações que são necessárias para desafiar o aluno e estas, transformam a escola num lugar cheio de proporções para o ensino concreto. Sasaki (2003) junto à nova classificação da Deficiência intelectual baseada no conceito publicado em 1992 pela Associação Americana de Deficiência Mental considera-a não mais como um traço absoluto da pessoa que a tem e sim como um atributo que interage com seu meio ambiente físico e humano, que por sua vez devem adaptar-se as necessidades especiais dessa pessoa, provendo-lhe o apoio intermitente, limitado extensivo ou permanente de que ela necessita para funcionar em dez áreas de habilidades adaptativas; comunicação, auto cuidado, habilidades sociais vida familiar uso comunitário autonomia saúde e segurança funcionalidade acadêmica lazer trabalho. (SASSAKI, 2003, p.160).

O papel do professor com a inclusão

O professor tem um grande compromisso com a educação, inclusive com a educação especial que devemos contribuir na educação para crianças, adolescentes, jovens e adultos. É necessário conteúdos educativos para melhorar as dificuldades que são encontradas no decorrer do ensino.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os alunos com deficiência intelectual são capazes de adquirir conhecimentos relativos à aprendizagem da língua escrita. Transmite uma mediação pedagógica mais significativa e eficiente, aquela que resulta na combinação de estratégias variadas, orientadas em função das dificuldades e potencialidades dos sujeitos e da situação problema.

As crianças com deficiência mental não são consideradas uma pessoa com doença e nem agressiva, apenas deficiência, nos professores em primeiro lugar devemos agir sempre como pessoa normal. O respeito é fundamental para todas as faixas etárias; se ela for criança, deve se tratá-la como criança, se for adolescente, deve-se tratá-la como adolescente e se for uma pessoa adulta deve-se tratá-la como tal.

Vygotski (1997) aponta que até 1920 a deficiência era considerada somente na sua categoria de defeito (termo utilizado à época pelo autor), sendo vista como menos-valia. Numa visão reducionista, a criança era classificada, na época, como débil, imbecil ou idiota e era concebida como alguém que possuía estrutura psicológica deficiente (desde o nascimento), com inteligência inadequada. Essas visões contemplavam o descrédito na superação por parte da criança, e a elas se aliavam métodos de medição de inteligência construídos pelas ações científicas que se pautavam somente na quantificação, sem considerar o processamento das manifestações da deficiência na criança.

Então, a partir das concepções de Vigotski e das suas fundamentações sobre o desenvolvimento de toda e qualquer criança, percebe-se que é possível lançar-se na educação das pessoas com deficiência intelectual considerando que, associadas à deficiência, existem as possibilidades compensatórias para superar as limitações e que são essas possibilidades que devem ser exploradas no processo educativo.

De acordo com Barroco (2007, p. 226), o limite ou a deficiência "não só provocaria no indivíduo a necessidade de estabelecer formas alternativas para estar e viver no mundo, como o estimularia a ir além do comportamento mediano", pois a criança não sente diretamente a sua deficiência, e sim, as dificuldades dela decorrentes. Então, é indispensável oportunizar a plena participação destas pessoas, de maneira que a deficiência deixe de ser um obstáculo ao processo de aprendizagem e de desenvolvimento e passe a ser sua força impulsionadora.



A partir da observação do desempenho dos alunos em sala de aula e na análise da suas produções, é possível verificar se apenas um ou dois alunos apresentam dificuldades em relação a um conteúdo ou unidade específica, ou apresentam dificuldades em relação conjuntos de vários conteúdos. Sisto (2007, p. 73).

Diante desta premissa o desempenho do aluno poderá ser um indicativo para a necessidade de intervenção individualizada. Na escola é comum a prática de perceber mais os acertos do que os erros, no entanto estudos mostram que rótulos e estigmas relacionados ao baixo rendimento dos alunos deve ser um aspecto a observar. Ainda Sisto (2013, p. 73) diz que estudos e pesquisas têm mostrado a tendência de se rotular os alunos e as consequências nocivas dessa prática. Rótulos e estigmas, relacionados a avaliação escolar, podem prejudicar a auto estima de alunos, em geral.

Metodologia

Participaram deste recorte 08 (oito) professoras, 02 (dois) Gestores e 04 (supervisoras) de duas escolas, uma sendo da rede privada e outra municipal. Todos os participantes são do sexo feminino, possuem idade variando entre 26 (vinte e seis) anos e 47 (quarenta e sete) anos de idade. Quanto ao grau de escolaridade, todas possuem curso superior. Com relação ao curso de especialização, os gestores têm pós em gestão, 02 (professoras) tem pós, 10 (professoras) não tem e não pretendem fazer o curso. Das 04 (quatro) supervisoras 03 (três) já concluíram pós graduação e 01 (uma) esta concluindo.

Com relação ao tempo de exercício no magistério varia de 03 a 16 anos no ensino fundamental.

A coleta de dados se deu através de observações in loco, questionário semi estruturado. Para esta realização se fez necessária autorização por parte dos gestores e explanação aos profissionais envolvidos sobre o objetivo da pesquisa. Levando assim o tema proposto ao planejamento bimestral dos professores aonde se pode observar suas respostas e posicionamentos. No mesmo momento foi entregue aos participantes o questionário previamente elaborado para que fossem respondidos individualmente.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para preservar o profissional da educação que nos concedeu a participação nesta pesquisa. Denominou-se P (Professores), G (Gestor) e S (Supervisores).

A apresentação da coleta dos dados será de cunho quantitativo considerando a resposta diante da maior parte dos participantes, tendo como base 70% das respostas iguais e 30% para respostas contrárias.

Como você compreende a dificuldade de aprendizagem nos dias atuais?

“Todos reforçam que trabalhar em uma sala que há uma homogeneidade na aprendizagem chega a ser um desafio para escola, pois tentativas são feitas e poucos avanços são perceptíveis. Relatam ainda que nas escolas públicas as avaliações nacionais é que chegam a conclusão que os esforços são insuficientes. E nas escolas particulares o desempenho dos alunos em provas de processo seletivo demonstra também um desempenho dos alunos muito abaixo do esperado pelos que estão inseridos no processo educativo”. (P)

Na sua opinião o que poderia ser feito para reverter o quadro da dificuldade de aprendizagem dos alunos?

“Apóio familiar esteve presente na maior parte das respostas, indagaram também a formação dos professores que não da suporte as diferenças são capacitados a trabalhar com alunos homogêneos”. (G e S)

Em algum momento parou para pensar que talvez esses alunos não aprendam por algum motivo que não é inerente ao acompanhamento familiar?

“Todos responderam que não acreditam realmente que a família tem grande parcela de culpa pelo baixo desempenho do aluno e que a escola sozinha não conseguira melhorar a



qualidade do ensino por que não consegue-se trabalhar com tantas diferenças em uma única sala de aula". (P, G e S).

Como a escola deve proceder quando um aluno reprovado por vários anos recebe um aludo médico constatando a deficiência intelectual?

"Os professores e Supervisores são enfáticos em relatar que a escola deve a partir daí trabalhar de forma a tentar incluir este aluno, deverá reunir a equipe e desenvolver estratégias para que este aluno possa aprender no seu tempo e da sua maneira." (P e S)

"A escola deve prestar atenção quando um aluno tem dificuldade mas atualmente quase todos os alunos em uma turma tem dificuldade em uma ou outra disciplina e quando essa realidade não é generalizada a turma toda, percebemos devido os professores dizerem turma tal é fraca. Mas temos que nos prepararmos e convocar os pais para nos ajudar sem a família não conseguimos nada, nenhum avanço." (G)

Considerações Finais

Diante do estudo realizado pode-se compreender que na concepção dos educadores participantes, a dificuldade de aprendizagem se caracteriza por um problema irreversível, e não pela existência de dificuldades ou um transtorno no processo de aprendizagem, ficando estes a cargo dos alunos e familiares. A partir destas concepções e relações com os transtornos são deixados de lado, não levam em consideração os conhecimentos científicos, estudos e observações feitas ao longo dos tempos por vários estudiosos.

Deste modo, estamos caminhando na contramão do processo de desenvolvimento e de humanização desses alunos. Se não lhes são dadas as possibilidades de aprendizagem escolar e ao mesmo tempo não lhes são proporcionadas oportunidades de apropriação do conhecimento sistematizado, científico serão facilmente encontradas evidências de que esses alunos realmente não aprendem.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As respostas que podemos observar com relação a conclusão de laudo médico para com o aluno com deficiência intelectual ainda assim a escola se mostra apática a esta realidade relatando que deverá estar preparada quando ocorrer o fato.

Assim, consideramos que a escola pública e privada caminham em uma ideologia do senso comum onde externam a incapacidade de pensar no outro como ser humano e que neste processo do não aprender é para o aluno um momento de baixo auto estima e incapacidade podendo perdurar para o resto de sua vida. A realidade encontrada nas explicações dos educadores, supervisores e gestores são restritas limitando os alunos à preguiça e falta de vontade, desconsiderando-se na maioria das vezes a questão pedagógica, remete-nos a algumas dúvidas, entre elas a importância dada ao trabalho desenvolvido pelo próprio educador, que muitas vezes se contradiz na ambiguidade no ato de *educar*.

Referências

BRASIL, Ministério Da Educação. **Declaração De Salamanca. Sobre Princípios, Políticas E Práticas Na Área Das Necessidades Educativas Especiais**. Brasília DF. MEC. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2014 às 14h40min.

BARROCO, S. M. S. **A Educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais**, 2007.

COLL C. et al., **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1995. v. 3

GARCÍA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LEONTIEV, Aléxis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução Ana Maria Netto Machado, Porto Alegre: Artmed, 1985

ROCHA, E. H. **Crenças de uma professora e seus alunos sobre o processo de ensino-aprendizagem**. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, (2004)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CIASCA, S. M. **Distúrbio de aprendizagem: mudanças ou não? Correlação de dados de uma década de atendimento.** Temas sobre Desenvolvimento. (2000).

SILVA, O. M. ***A Epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje.*** São Paulo: CEDAS, 1986.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Vida Independente.** São Paulo: CVI- Araci Nallin, 2003.

SISTO, F. F. **Dificuldade de aprendizagem** In: SISTO, F. F. e BORUCHOVITCH, E.(orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico.** 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VIGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas V: fundamentos de defectología.** Madrid: Visor Distribuciones, 1997